

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA – ILEEL

MARIA EDUARDA GARCIA SANSONI ABRAHÃO

A OBSCENIDADE DA LUCIDEZ: UMA LEITURA DE A OBSCENA SENHORA D, DE
HILDA HILST

Uberlândia
2022

MARIA EDUARDA GARCIA SANSONI ABRAHÃO

A OBSCENIDADE DA LUCIDEZ: UMA LEITURA DE A OBSCENA SENHORA D, DE
HILDA HILST

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Letras e Linguística, ILEEL, da Universidade Federal de Uberlândia, como parte dos requisitos necessários à obtenção do diploma de graduação.

Área de concentração: Letras - Português e Literaturas de Língua Portuguesa

Orientador: Prof.^a Dr.^a Carolina Duarte Damasceno Ferreira

Uberlândia
2022

MARIA EDUARDA GARCIA SANSONI ABRAHÃO

A OBSCENIDADE DA LUCIDEZ: UMA LEITURA DE A OBSCENA SENHORA D, DE
HILDA HILST

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Letras e Linguística, ILEEL, da Universidade Federal de Uberlândia, como parte dos requisitos necessários à obtenção do diploma de graduação.

Área de concentração: Letras - Português e Literaturas de Língua Portuguesa

Uberlândia, 2022

Banca Examinadora:

Nome – Titulação (sigla da instituição)

Nome – Titulação (sigla da instituição)

Para meu avô, que nunca passou uma noite sequer sem dizer que me amava. Onde quer que ele esteja agora, eu ainda sinto.

Resumo:

O propósito desta pesquisa é analisar a relação entre melancolia e loucura na obra de *A Obscena Senhora D* (2005), de Hilda Hilst. Hillé, personagem central da obra, é uma mulher intelectual, com sintomas de melancolia. Após perder seu marido Ehad, a personagem começa a ter alucinações e a narrativa se desenvolve com os longos e complexos diálogos de ambos. Dessa forma, ao se comportar de maneira contrária às expectativas de uma sociedade patriarcal, a personagem é rapidamente associada à loucura e se torna vítima de uma série de agressões. Assim, um dos grandes questionamentos, além de pensar no alcance da relação entre melancolia e consciência, é se perguntar quais são as repercussões de uma mulher ser autêntica (ou quais são as repercussões da autenticidade de uma mulher), visto que o feminino é associado à loucura desde os primeiros estudos da patologia na psicanálise.

Palavras-chave: Melancolia; Intelecto; Loucura; Feminino.

Introdução

A obscena Senhora D (2005), obra ficcional de Hilda Hilst, uma das mais importantes escritoras brasileiras do século XX, aborda uma personagem melancólica e com um excesso de consciência. A obra de Hilst conta a história de Hillé - também chamada de Senhora D - a qual, após perder seu marido Ehud, começa a ter alucinações com ele. A história se desenvolve com os longos e complexos diálogos de ambos, os quais não apenas revelam a perda de lucidez de Hillé, como também mostram que o seu excesso de consciência/intelecto e questionamentos foram os principais desencadeadores de seus delírios, o que a levou para sua mais profunda melancolia.

Segundo Luciana Savioli Lújan (2001), a melancolia é tratada na psicanálise como uma consequência do intelecto e da consciência humana. Mas, quando se trata do feminino, as mulheres são associadas à loucura desde os primeiros estudos dessa patologia na teoria da psique humana:

Velha conhecida do Homem, a loucura esteve ligada a várias compreensões ao longo da História, sendo que a loucura feminina, em muitos momentos, foi associada à sexualidade. Alguns registros que remontam ao Egito Antigo atribuíam ao interior do corpo da mulher uma condição de malignidade, pela presença do útero e pelas particularidades desse órgão, que, ao deslocar-se pelo corpo, produziria sintomas semelhantes aos atribuídos ao quadro atual de histeria, compreendido como um protótipo de loucura (Vilela, 1992). Outro fragmento da compreensão a respeito da loucura na Idade Antiga é colocado por Del Priori (1999), através do resgate da obra de Galeno, na qual a melancolia era associada aos vapores advindos do sangue menstrual, causador de alucinações. (CALDANA; PEGORARO, 2008, p.84)

É importante ressaltar que, assim como em relação a qualquer fenômeno humano, a compreensão que se faz da loucura trata-se de uma construção histórica e social. Por conseguinte, as mulheres, reféns do patriarcado, foram as grandes vítimas desse fenômeno, tendo o corpo dominado, controlado por padrões de normalidade e, frequentemente, encarcerado em manicômios, como forma de dominação. Nesse sentido, é possível afirmar que o feminino é afetado nos diferentes conjuntos, especialmente quando se trata da associação de doenças mentais e intelecto. No livro *Deslocamentos do Feminino*, de Maria Rita Kehl (2016, p.69), ela afirma:“(...) aos pais, maridos e educadores parece mais conveniente que a mulher se mantenha ignorante - o que equivale, no pensamento oitocentista, a manter-se inocente sexualmente e maleável socialmente.” Logo, historicamente, associar as mulheres à loucura é uma forma de repressão e silenciamento a qualquer tipo de comportamento que fuja de determinados padrões.

Na narrativa de Hilda Hilst, *A Obscena Senhora D* (2005), encontramos uma retratação de como o meio social lida com mulheres que fogem de certos padrões - a opressão

feminina, presente em todos os âmbitos, não pouparia Hillé com a sua singularidade. Durante a narrativa, fica perceptível a necessidade dos vizinhos e do próprio marido Ehad de controlar os ditos impulsos femininos da Senhora D, não apenas questionando o seu comportamento, como também associando-a com a loucura. Enquanto Hillé vive em sua exacerbada vida de questionamentos, de senso crítico, a grande maioria das pessoas vivem na sua “bolha” de ignorância - o que faz a personagem ir para a contramão. E o querer ser compreendida, querer ter algum sentido para si, nadar contra a correnteza, não é apenas solitário, como causa um grande incômodo a sua volta, o que resulta em uma série de agressões externas.

O artigo “A Obscena Senhora D.: por Deus esquecida, por homens oprimida, pelas loucas e histéricas muito bem-vinda”, de Marcelo Júnior de Souza Honório e Luciana Borges (2019), afirma que a obra de Hilda Hilst se constrói a partir de uma personagem abandonada e desamparada, solitária no vão de uma escada conversando com entidades não mais pertencentes ao seu mundo. Dessa forma, a autora traz, hermeticamente, uma ruptura de normas gramaticais, eliminando marcadores de fala, o mundo insano da protagonista.

[...] lembra como caminhávamos? te lembras de um brilho que vias numa pequena colina naquele passeio às águas? e como te esforçaste para subir a colina? e o que era afinal aquele brilho? sim, me lembro, uma tampinha nova de garrafa, uma tampinha prateada (HILST, 2005, p.19).

Apesar de haver diversos estudos¹ sobre a ficção de Hilda Hilst e a sua relação com doenças psíquicas e o meio social, a complexidade de sua obra não permite que esgote as diversas possibilidades de leitura. Nesse sentido, no presente artigo será analisado como se constitui a melancolia associada ao intelecto da personagem principal, Hillé (Senhora D), bem como o que a faz ser considerada louca - ao se comportar de maneira contrária às expectativas de uma sociedade patriarcal, a personagem é rapidamente associada à loucura e se torna vítima de uma série de agressões. Mas, primeiramente, quem é essa mulher?

Quem é a mulher do vão da escada?

Hillé, a Obscena Senhora D, é uma mulher solitária. Aos sessenta anos, após a morte do marido, a personagem se percebe absolutamente sozinha, o que resulta em uma melancolia profunda. O indício da patologia se revela ainda no início da narrativa, quando a Senhora D relata o significado do seu nome.

[...] eu Hillé também chamada por Ehad A Senhora D, eu Nada, eu Nome de Ninguém, eu à procura da luz numa cegueira silenciosa, sessenta anos à

¹ Estudos como: “Escrita em transe: luto, corpo e o secreto em A Obscena Senhora D”, de Fernanda Shcolnik, 2008; “A Obscena loucura da Senhora D”, de Cinara Leite Guimarães, 2007; “A Obscena Senhora D à luz da paratopia”, de Amanda Jéssica Ferreira Moura, 2011; “A loucura em A Obscena Senhora D”, de Amanda Jéssica Ferreira Moura, 2011; entre outros.

procura do sentido das coisas. Derrelição Ehud me dizia, Derrelição - pela última vez Hillé, Derrelição quer dizer desamparo, abandono, e porque me perguntas a cada dia e não reténs, daqui por diante te chamo A Senhora D. D de Derrelição ouviu? Desamparo, Abandono [...] (HILST, 2005, p.11)

O livro inicia com Hillé repetindo diversas vezes o significado de “Senhora D” e a forma com que seu marido Ehud ficava impaciente com as incessantes perguntas dela sobre isso – o que motivou justamente que ele lhe chamasse dessa forma. O livro inteiro é formado por pensamentos confusos de Hillé e a repetição de palavras (como forma de se reafirmar no espaço/mundo) faz parte da rotina da personagem. Assim, em seu processo de luto, a protagonista decide viver no vão da escada de casa e experimentar o mais profundo isolamento. Num intenso fluxo de consciência, ela se vê às voltas com lembranças do passado ao mesmo tempo que se pergunta sobre o verdadeiro sentido da vida.

Ao pensar na simbologia do vão da escada, é possível afirmar que o texto aponta no início da narrativa, uma pista do não-lugar em que Hillé se encontra. Em vista disso, no decorrer da leitura, pode-se afirmar que ela está em situação marginal, diferenciando-se da maioria pela sua recusa insistente de viver em acordo com o senso-comum, como a grande parte dos personagens retratados na obra. É importante ressaltar que, durante toda a narrativa, a Senhora D transmite uma sensação de vazio de uma forma ímpar, subjetiva e abstrata. A linguagem utilizada pela personagem para expressar seus sentimentos é complexa, poética, mas revela claramente a sua capacidade de percepção da vida como um todo, como se carregasse as dores do mundo.

Quem a mim nomeia o mundo? Estar aqui no existir da Terra, nascer, decifrar-se, aprender a deles adequada linguagem, estar bem não estou bem, Ehud
ninguém está bem, estamos todos morrendo (HILT, 2005, p.15)

Nesse trecho, por exemplo, percebemos a sensibilidade com que Hillé enxerga as adversidades. Ela estabelece relações de forma extremamente sensível, inteligente e abstrata. A personagem tem um excesso de consciência sobre as suas dores, e as dores do outro – e de como a vida pode consumir nós mesmos.

o esfarinhado no corpo da alma agora, papéis sobre a mesa, palavras grudadas à página, garras, frias meu Deus, nada me entra na alma, palavras grudadas à página, nenhuma se solta para agarrar meu coração, tantos livros e nada no meu peito, tantas verdades e nenhuma em mim, o ouro das verdades onde está? que coisas procurei? que sofrido em mim se fez matéria viva? (HILST, 2005, p.30)

Em *Sol Negro*: depressão e melancolia, Julia Kristeva (1989, p.64), entende que o melancólico “com o seu interior pesaroso e secreto, é exilado em potencial, mas também um intelectual capaz de fazer brilhantes construções... abstratas”. Porém, esse comportamento autêntico e fora do comum, faz com que Hillé seja vista pelos vizinhos como uma mulher

psicologicamente instável, considerada como louca. Essa melancolia irreverente da personagem, fruto também do seu inconsciente, causa um desconforto social. O ódio por ela, pela sua aparência e comportamento, chega a ser tamanho que os vizinhos falam sobre a possibilidade de colocar fogo em sua casa, e, no decorrer da obra, é possível perceber que essa incompreensão não acontece apenas entre os vizinhos, como também com o marido da Senhora D. A situação é um reflexo que atravessa a literatura e chega em uma realidade atual, na qual mulheres são frequentemente taxadas como loucas quando escolhem se posicionar/impôr, ou mesmo quando estão imersas em seu Eu. Ainda segundo o livro *Deslocamentos do Feminino* (2016), de Maria Rita Kehl, essa necessidade de controle é característica do ser masculino, como forma de silenciar o potencial que existe nas mulheres.

A domesticação das mulheres foi responsável pela criação do mito do mistério feminino: de alguma forma, os homens pressentiram a magnitude das forças que a educação recalçou nas mulheres em nome da redução da complexidade dos papéis que uma esposa/mãe tem de representar. "Se a complexidade é uma ameaça à personalidade, a complexidade deixa de ser uma experiência social desejável", escreve Sennett (KEHL, 2016, p.227)

As mulheres que não seguem determinado padrão são associadas à loucura desde os primeiros estudos (na psicanálise, inclusive) e como esse pensamento se propaga ainda nos dias atuais. Podemos apreender que a tendência social é tratar como insano aquele que não pactua com as verdades comumente entendidas como absolutas. São inúmeros os casos de pessoas que tiveram suas liberdade e força de expressão cruelmente cerceadas e combatidas por serem julgadas como desequilibradas - muitas que não tinham o valor moral que a sociedade impunha foram estigmatizadas como loucas, histéricas, bruxas, prostitutas e diversos outros adjetivos depreciativos no século XVIII.

Segundo Maria Madalena Magnabosco (2003, p.14), "no século XVIII, principalmente pelos avanços dos conhecimentos médicos e psiquiátricos, o corpo feminino passa a ser objeto de estudo e atenção por parte dos pesquisadores da época". Assim, houve um controle sobre o corpo, as mulheres não podiam transgredir os valores que tinham em seu tempo. Quando se trata da Senhora D, o enredo nos mostra um convívio social desarmônico justamente por Hillé ser considerada uma transgressora desses valores.

À vista disso, Marcelo Júnior de Souza Honório e Luciana Borges (2018) ressaltam que o título da obra deixa expresso que Hillé, por questionar, por ter um senso crítico exacerbado, tem um comportamento transgressor, incomum aos outros, que no cotidiano aceitam a vida como ela é, sem problematizá-la - ou seja, a Senhora D torna-se obscena para a sociedade. "E por ser assim, ganha o desamparo, a derrelição, torna-se uma eterna incompreendida" (2018, p.309). Por fim, os autores ainda fazem uma questão de extrema

importância: quem de fato é o louco? Hillé por seu caráter questionador/problematizador ou a sociedade por ser alienada à própria vida?

Há diversos estudos sobre a ficção de Hilda Hilst e a sua relação com doenças psíquicas e o meio social, mas a complexidade de sua obra não esgota as possibilidades de leitura. Por isso, pensar nessa personagem que tenta se livrar de amarras, que nada contra a correnteza e todas as consequências desse comportamento, é de extrema importância entender o lugar que se encontra a relação entre o feminino e a loucura. Afinal, será que existe uma lucidez por trás dessa obscenidade?

Em primeiro momento, iremos pensar na melancolia de Hillé, suas peculiaridades e singularidades. E, em seguida, será analisado essa dita loucura da personagem.

A melancolia da senhora D:

Do ponto de vista psicanalítico, a melancolia é a perda do próprio Eu. Luciana Savioli Lújan (2001) afirma ainda que nos primeiros estudos do século XIX, a relação entre esta patologia e o intelecto era analisada por alguns pesquisadores, assim como Aristóteles e seus contemporâneos, para quem a melancolia representava uma doença essencialmente da intelectualidade. Segundo o livro *Melancolia e Literatura*, de Luiz Costa Lima (2017, p.60):

Se a melancolia supõe, segundo a definição hipocrática, o medo ou a distímia (desânimo ou prostração) prolongada, acompanhados de outros traços também com frequência referidos – desleixo, preguiça, desacerto com o lugar em que se está, até o mais grave: a sensação da falta de sentido para o que se faz, quando não da própria vida -, ela implica ter o mundo como um parceiro indiferente ou constantemente hostil (LIMA, 2017, p.60).

A obscena Senhora D (2005), de Hilda Hilst, aborda uma personagem melancólica e com o intelecto acima da maioria. Sendo a melancolia tratada na psicanálise como uma consequência do intelecto e da consciência humana, é importante pensar em como uma personagem feminina é representada quando inserida nesse contexto. Assim, o indício da patologia se revela ainda no início da narrativa, quando a Senhora D relata o significado do seu nome repetidas vezes. Julia Kristeva, em seu livro *Sol Negro: depressão e melancolia* (1989), reflete justamente sobre essa fala repetitiva e monótona característica do ser melancólico.

Lembrem-se da palavra do deprimido: repetitiva e monótona. Na impossibilidade de encadear, a frase se interrompe, esgota-se, para. Mesmo os sintagmas não chegam a se formular. Um ritmo repetitivo, uma melodia monótona vem dominar as sequências lógicas quebradas e transformá-las em litânias recorrentes, enervantes. Enfim, quando, por sua vez, essa musicalidade frugal se esgota ou simplesmente não consegue se instalar por força do silêncio, o melancólico, com o proferimento, parece suspender qualquer ideação, soçobrando no branco da assimbolia o no excesso de um caos ideatório não-ordenável. (KRISTEVA, 1989, p.39)

Além disso, ainda nesse início do livro, é possível perceber o espaço que Ehud ocupa na vida de Hillé. A partir do momento em que ela permite o marido de nomeá-la, ele ocupa espaço de autoridade, ganhando responsabilidade de identidade que só os pais têm sobre os filhos, ainda no nascimento. Ehud dá vida à melancolia de Hillé, alimenta o subsolo da personagem. Isso faz com que a Senhora D encontre um lugar de amor e afeto ao lado dele. Porém, mesmo com todo esse amor, ainda existe uma sensação absoluta de vazio, que a consome.

Subíamos juntos os degraus desta mesma escada. a cama. o gozo. o ímpeto. depois sono e tranquilidade de Ehud. seus débeis sonhos? modéstia. humildade. e cólera muitas vezes: vida, morte, teu trânsito daqui pra lá, porra, esquece, segura meu caralho e esquece, te amo, louca. (HILST, 2005, p.16)

Só a presença do marido não basta, até porque ele se demonstra irritado com os questionamentos de Hillé, sem compreender que sua maior perda, é a perda de si mesma. Dessa forma, Luiz Castelo Branco (2014, p.17) relata as variações de sensações do melancólico, que passa de profundo amor para uma sensação gigantesca de vazio.

O melancólico vai de uma relação amorosa radical (de profundo amor ao objeto), para uma queixa de profunda sensação de vazio, indiferença e desprezo pela existência das coisas e pessoas em seu entorno — o que é a expressão mais crua da total retirada da libido, ou seja, a força sexual da pulsão, de todo e qualquer objeto do mundo. Sem a possibilidade de lidar com o objeto que falta no Outro, o melancólico não é capaz de se interessar por pessoas ou coisas, mas pode apenas lamentar aquilo que nunca possuiu: um vazio que mantivesse o laço que o permitiria apegar-se à vida. (BRANCO, 2014 p.17)

Outro aspecto interessante, é que além de ter alucinações com seu marido morto, a Senhora D vive no vão da escada. A personagem de Hilst não apenas se isolava, como também se cercava de questionamentos e da sensação de vazio interno. Em muitos momentos, ela confessa não sentir prazer em atividades que antes lhe satisfaziam.

Senhora D, é definitivo isso de morar no vão da escada? você está me ouvindo Hillé? olhe, não quero te aborrecer, mas a resposta não está aí, ouviu? nem no vão da escada, nem no primeiro degrau aqui em cima, será que você não entende que não há resposta? (HILST, 2005, p.14)

A Senhora D procura essas respostas no degrau mais próximo do chão, o que nos leva a relacionar suas emoções em estado de declinação, do primeiro ao último degrau. Como se Hillé passasse por todos os degraus, até chegar no último - sua última chance de encontrar alguma certeza, antes de chegar na mais profunda melancolia. Essa discussão em torno da melancolia relacionada ao intelecto e a gravidade de suas consequências foi abordada por vários pesquisadores dentro e fora da psicanálise, como Aristóteles e Freud. O artigo “A

Melancolia Romântica Em Freud e Nerval”, de Luciana Savioli Lújan (2001), retrata justamente essa discussão.

Os médicos do século XIX já caminhavam na tentativa de diferenciar a lipomania (melancolia) buscando sua especificidade em relação ao delírio. Constatava-se um mecanismo paradoxal: por um lado o estupor, a imobilidade volitiva, corporal, motriz, observada até na expressão facial do paciente; de outro, a fixação e o desencadeamento da ideação. O melancólico sofre por pensar demais (...) (LUJAN, 2001, p.82)

Dessa forma, Luiz Costa Lima (2017) dizia que se a melancolia supõe, segundo a definição hipocrática, o medo ou desânimo/prostração prolongada, acompanhados de desleixo, preguiça, desacerto com o lugar em que se está, até o mais grave: a sensação da falta de sentido para o que se faz (quando não da própria vida), ela conseqüentemente implica ter o mundo como um parceiro indiferente ou constantemente hostil. Assim, quando se trata de Hillé, a personagem relata que a perda do prazer por coisas que antes a tocavam. Ela relata como nada mais lhe preenchesse o peito, nada atravessa, nada emociona. Essa característica de perda de prazer, como diz Luiz Costa Lima, é típica do ser melancólico.

Assim, a Senhora D como mulher marcada pelo excesso de consciência e pela percepção da vida, lidando com um luto de uma forma ativa e autêntica, mas que também se fecha para o externo e se afunda no interior de suas emoções, é alvo dos vizinhos, uma representação de uma sociedade em sua totalidade, que não entendem suas dores, questionam, julgam e criticam. Até o jeito de olhar dela, se torna alvo de uma espécie de demonização.

(...) há uma desastrada lembrança de mim mesma, alguém-mulher querendo compreender a penumbra, a crueldade – quadrados negros pontilhados de negro - alguém-mulher caminhando levíssima entre as gentes, olhando fixamente as caras, detendo-se no aquoso das córneas, maldito brilho Hillé, andam estranhando teu jeito de olhar (HILST, 2005, p.13)

A obra se revela como uma herança de um estigma impregnado há décadas: loucura, como herdeira da lepra e dos leprosários, também carrega o estigma do contagioso, contribuindo para o afastamento das pessoas em relação ao sujeito considerado louco. Mas por que sempre as mulheres se tornam o maior alvo?

A “loucura” obscena:

Segundo Foucault (1972, p.9), os loucos tinham uma existência facilmente errante: as cidades os escorraçavam de seus muros e deixavam que corresse pelos campos distantes, quando não eram confiados a grupos de mercadores e peregrinos. O filósofo ainda entende que esse costume era frequente em particular na Alemanha, em Nuremberg, durante a

primeira metade do século XV, quando registrou-se a presença de 62 loucos, 31 dos quais foram escorraçados. Nos cinquenta anos que se seguiram, ainda se têm vestígios de 21 partidas obrigatórias, tratando-se apenas de loucos detidos pelas autoridades municipais.

A loucura é uma herdeira da lepra e dos leprosários - e conseqüentemente também herda o estigma do contagioso, o que gera o afastamento das pessoas em relação ao sujeito considerado louco. Relacionando com a Senhora D, observamos a propagação desse estigma, após alguns vizinhos comentarem sobre o estado de Hillé: “ah ela não é certa não, tá pirada da bola, e isso pega, tu não lembras que meu marido pifô quando não pude fazer aquele bacalhau tu não lembras?” (HILST, 2005, p.37). Tal forma de tratamento, isto é, a suposta loucura de Hillé como algo contagioso, relaciona-se com o modo com que esses leprosos eram tratados. De acordo com Foucault (1972, p.10), a igreja, em seus discursos sobre os enfermos na Idade Média, afirmava “o pecador que abandona o leproso à sua porta está, com esse gesto, abrindo-lhe as portas da salvação”.

Com os avanços dos conhecimentos médicos e psiquiátricos, o corpo feminino passa a ser objeto de estudo e atenção por parte dos pesquisadores da época. Segundo Maria Madalena Magnabosco (2003, p. 14), houve um controle sobre os corpos femininos, os quais não podiam transgredir os valores que tinham em seu tempo. Muitas que não tinham o valor moral que a sociedade impunha foram estigmatizadas como loucas, histéricas, bruxas, prostitutas, entre outros adjetivos depreciativos. Além do estigma, foi atribuída à mulher a causa de doenças psíquicas como, por exemplo, a histeria.

No universo feminino, a loucura funcionará como uma espécie de saída, fuga da condição imposta, e também um caminho para possibilitar tudo aquilo que o papel social impede, o que muitas vezes era a prisão da mulher de classe média nos anos 50 e 60. Ao passar das mãos de um pai ou irmão para as de um marido, era-lhe amputado o direito de percorrer a vida como sujeito e tomar parte na sociedade. Aquela que não aceitava o destino e se negava a cumprir seu papel era vista como louca e alguém que devia receber sérios cuidados, inclusive o de ser “submetida a um conjunto de medidas normatizadoras extremamente rígidas que assegurassem o cumprimento do seu papel social de esposa e mãe” (ENGEL, 2004, p. 332).

Pensando nisso, em *A obscena Senhora D* (2005), Hillé - também chamada de Senhora D - se encontra em angustiante solidão após perder seu marido Ehud, e começa a ter alucinações com ele. A história se desenvolve e revela que esse excesso de consciência/intelecto (consciência do arbitrário das classificações, que questiona os jogos de poder), foi o principal desencadeador dos delírios da personagem, o que gerou uma rotulação de “louca”.

senhora D, senhora D, olhe, dois pãezinhos para a senhora, fui eu mesma que fiz, sou sua vizinha, se lembra? olhe senhora D, não pode se trancar

assim, a morte é coisa que não se pode dar jeito, né, o senhor Ehad ficaria triste lhe vendo assim, tá morto né, a morte vem pra todos, a senhora também podia colaborar com a vizinhança né, essas caras que a senhora anda pondo quando resolve abrir a janela assustam minhas crianças, ai ai senhora D não faz assim agora, isso é coisa de mulher desavergonhada, ai que é isso madona, tá mostrando as vergonhas pra mim, ai ó Antônia, ó Tunico, só quis dar o pão pra ela e olha como ficou, tá pelada, ai gente, embirutou, credo nossa senhora, é caso de polícia essa mulher. (HILST, 2005, p.17)

No trecho acima, Hillé é vista pelos vizinhos como uma mulher psicologicamente instável, considerada insana. Essa melancolia irreverente da personagem, fruto também do seu inconsciente, causa um desconforto social. No decorrer da obra, é possível perceber que essa incompreensão não acontece apenas entre os vizinhos, como também com o marido da Senhora D.

Logo, ao nadar contra a correnteza, e fugir dos padrões aceitáveis do que se espera de uma mulher, o estado transgressor da Senhora D se reflete no convívio com a vizinhança. As pessoas ao seu redor que, até então, não a compreendem, começam a se sentir incomodadas com o seu comportamento, considerado obsceno:

olhe senhora D, não pode se trancar assim, a morte é coisa que não se pode dar jeito, né, o senhor Ehad ficaria triste lhe vendo assim, tá morto né, a morte vem pra todos, a senhora também podia colaborar com a vizinhança né, essas caras que a senhora anda pondo quando resolve abrir a janela assustam as minhas crianças, ai ai senhora D não faz assim agora, isso é coisa de mulher desavergonhada, ai que é isso madona, tá mostrando as vergonhas pra mim (HILST, 2005, p.11-12).

Os vizinhos associam, de forma negativa, o não conformismo de Hillé pela morte do amante Ehad. Ainda segundo o artigo de Marcelo Júnior de Souza Honório e Luciana Borges (2018), os autores afirmam que a forma com que a protagonista expressa o seu luto assusta a vizinhança: “As roupas do corpo já são traços de uma razão que não lhe serve mais. Hillé, na busca do sentido da vida, perde a razão de viver.” (2018, p.310). A obscenidade, seu jeito irreverente e altivo, demonstram a insanidade da "senhora D" diante da vida, por não ser compreendida, vivendo na penúria, na miséria e no abandono do mundo. Nesse sentido, Hillé se fecha para o externo e se afunda no interior de suas emoções. Os vizinhos não a entendem.

É importante frisar que a personagem é frequentemente relacionada com a uma porca, remetendo ao sujo, ao desleixado.

Diante da vila, das casas quase coladas, entre as gentes sou como uma grande porca acinzentada, diante de muitos a quem conheci sou uma pequena porca ruiva, perguntante, rodeando mesas e cantos, focinhando carne e ossatura, tentando chegar perto do macio, do esconso, do branco luzidio do teu osso, diante de minha mãe fui apenas pergunta, altanerica, paradoxo [...] (HILST, 2005, p.12)

Isso abre margem para dizer, então, que Hillé se encontra marginalizada pela sociedade que a rodeia e que não compreende as suas dores e angústias. O fato de se comparar a uma porca remete ao desleixo de si mesma, algo não bem visto pela população, por ir na contramão das convenções sociais: “Casa da Porca, assim chamam agora a minha casa [...]” (HILST, 2005, p.6).

O maltrato de Hillé consigo mesma, com o próprio corpo, esse desleixo que reflete no meio em que vive, ocasionando críticas e isolamento da vizinhança, é uma maneira histórica de se expressar. Para Finkler (1989, p.72) a histeria pode funcionar como uma via de expressão, social e culturalmente aceita, das preocupações diárias e das dificuldades do cotidiano. É um sofrimento que se manifesta no corpo porque é nele que se depositam as frustrações, os conflitos e os percalços do dia-a-dia, e, nesse sentido é incorporado justamente porque modifica toda a fisiologia orgânica (...) (HONÓRIO, BORGES, 2018, p.318)

Podemos afirmar que o corpo de Hillé carrega dores imensas. A dor do luto, as perguntas sem resposta, logo, a consciência excessiva, a de um abandono social - a personagem se encontra completamente sozinha, convivendo com seu Eu, e suportando essa melancolia ativa. À vista disso, a Senhora D se torna obscena por encarar os seus machucados de forma irreverente, e por não se permitir silenciar diante deles. Por carregar o fardo de ser mulher e escolher ir pela contramão do silenciamento esperado pelo feminino em um mundo patriarcal, ela é vítima de agressões e rotulada como louca - louca, porca, histórica, mundana, e diversos outros adjetivos que revelam uma realidade triste retratada pela literatura: as mulheres têm ainda um longo caminho de luta pela frente.

Conclusão

A obscena Senhora D aborda uma personagem melancólica e com um excesso de consciência. Do ponto de vista psicanalítico, a melancolia é a perda do próprio eu. Ainda nos primeiros estudos do século XIX, a relação entre essa patologia e o intelecto era analisada por alguns pesquisadores, assim como Aristóteles e seus contemporâneos, a quem a melancolia representava uma doença essencialmente da intelectualidade. Assim, a personagem de Hilst, através de diversos e persistentes questionamentos, demonstra tamanha lucidez sobre a vida, lidando com as adversidades da vida de forma irreverente, corajosa e ativa.

Porém, mulheres que fogem desse padrão de silenciamento são, frequentemente, taxadas como loucas. Isso porque, a loucura, por ter sido, ao longo do tempo, um estado de insanidade atribuído às pessoas que se desviam de um comportamento que a sociedade vê como certo, deixou no Ocidente diversas marcas de angústia e opressão. As mulheres, ao longo do século, foram as principais vítimas dessa imposição - muitas que não tinham o valor

moral que a sociedade impunha foram estigmatizadas como loucas, histéricas, bruxas, prostitutas e diversos outros adjetivos depreciativos. Além do estigma, foi atribuída à mulher a causa de doenças psíquicas, sendo conseqüentemente internadas em clínicas psiquiátricas apenas por não seguirem regras determinadas pelo patriarcado.

Nesse sentido, podemos concluir que a Senhora D é uma vítima da sociedade, sendo retratada na literatura. A sua dor, seu luto, e a forma de lidar com as adversidades da vida, não foram respeitadas pela vizinhança, tornando-a alvo de uma série de agressões. Isso porque a sua força, voz ativa, seu grande intelecto, e dona de si, não podiam ser aceitos por uma população que cala, oprime e diminui mulheres há séculos. Com base em padrões arbitrários, mas supostamente dados como a verdade, Hillé questiona para problematizar o arbitrário das convenções, por sua vez, os jogos de poder. A senhora D de derrelição, a senhora desamparada, abandonada, que precisava apenas de um acolhimento perante o seu luto, representa uma série de mulheres da vida real: mulheres loucas, de tão lúcidas.

Referências bibliográficas

BRANCO, F.C. **Sobre amor e suas falhas: uma leitura da melancolia em psicanálise**. Scielo Brasil, 1997. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/agora/a/qthrhdpmbHNbPYbJzw8SQXB/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 29/11/2022.

HILST, Hilda. **A obscena senhora D**. São Paulo: Globo, 2005.

ENGEL, Magali. “Psiquiatria e feminilidade”. In **História das mulheres no Brasil**. Org. Mary Del Priore. São Paulo, Contexto-Unesp, 2004.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura na idade clássica**. Tradução de José Teixeira. São Paulo. Editora Perspectiva, 1978.

HONÓRIO, M. J. de S.; BORGES, L. **A Obscena Senhora D.: por Deus esquecida, por homens oprimida, pelas loucas e histéricas muito bem-vinda**. Revista de Estudos Acadêmicos de Letras, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 304–323, 2019. DOI: 10.30681/real.v11i2.2513. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/reacl/article/view/2513>. Acesso em: 29 nov. 2022.

KEHL, M.R. **Deslocamentos do Feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade**. 1.ed. São Paulo. Boitempo, 2016.

KRISTEVA, J. **Sol Negro: Depressão e Melancolia**. Tradução de Carlota Gomes. 2.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

LIMA, L.C. **Melancolia e Literatura**. São Paulo: Editora UNESP, 2017.

LÚJAN, L.S. **A Melancolia Romântica em Freud e Nerval**. Radar Ciência, 2001. Disponível em: <https://www.radarciencia.org/artigo/a-melancolia-romantica-em-freud-e-nerval>. Acesso em: 29/11/2022.

MAGNABOSCO, M. M. Mal-estar e subjetividade feminina. **Subjetividade**. Fortaleza, v.3, n.2, set. 2003. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v3n2/09.pdf> .Acesso em: 29 nov.2022.

NASCIMENTO, D.P. (2015). **Hilda Hilst: entre a loucura e a lucidez**. En Locas, escritoras y personajes femeninos cuestionando las normas : XII Congreso Internacional del Grupo de Investigación Escritoras y Escrituras (1205-1214), Sevilla: Alciber.

PEGORARO, R.F; CALDANA, R.H.L. **Mulheres, loucura e cuidado: a condição da mulher na provisão e demanda por cuidados em saúde mental**. Scielo Brasil, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/CZb7QsbPxZNMx8mwgKBQ5pf/?lang=pt>. Acesso em: 29/11/2022.